

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
À GLÓRIA DE GRAHAME
18 e 23 de Janeiro de 2023

MAN ON A TIGHTROPE / 1953

(*Salto Mortal*)

um filme de Elia Kazan

Realização: Elia Kazan / **Argumento:** Robert Sherwood, segundo uma história de Neil Patterson / **Fotografia:** Georg Krause / **Montagem:** Dorothy Spencer / **Direcção Artística:** Hans H. Kuhnert / **Música:** Franz Waxman / **Interpretação:** Fredric March (Karel Cernik), Gloria Grahame (Zama Cernik), Terry Moore (Tereza Cernik), Cameron Mitchell (Joe Vosdek), Adolphe Menjou (Fesker), Robert Beatty (Barovic), Alex D' Arcy (Rudolph), Richard Boone (Krofta), Pat Henning (Konradin), Paul Hartman (Jaromir), John Dehner (o Chefe), Dorothea Wieck (Duquesa), e o Circo Brumbach.

Produção: Robert L. Jacks, para a 20th Century Fox / **Produtor Associado:** Gerd Oswald / **Cópia:** dcp, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 105 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, Abril de 1953 / **Estreia em Portugal:** Politeama, a 23 de setembro de 1954.

Man on a Tightrope é um dos filmes de Elia Kazan em que a "ideologia" é mais "transparente", no sentido em que procura impor-se ao olhar. Em filmes como **Panic in the Streets**, **Viva Zapata!** e **On the Waterfront**, que estão próximos do que vamos ver, a ideologia tem também um peso importante, mas dilui-se atrás de outras características do *thriller*, do épico e do filme romântico. De facto se os três filmes referidos atrás falharam é porque Kazan não conseguiu neles a comunicação entre o seu temperamento e os géneros dominantes e, principalmente, pela falta dos elementos fundamentais que dominam o conjunto da sua obra, o romantismo e o conflito de gerações. **Man on a Tightrope** tinha em embrião estes elementos distribuídos de forma significativa: o par jovem (Cameron Mitchell e Terry Moore) e o formado pelo pai da rapariga com a nova mulher (Fredric March e Gloria Grahame). Segundo o próprio Kazan na entrevista-livro de Michel Ciment, a história de amor e as discussões entre o comissário e March eram o que de pior tinham o argumento. Contudo a relação dos primeiros está reduzida ao esqueleto e só a segunda consegue transmitir alguma força dramática (em particular numa cena a que voltaremos da qual se pode dizer, desde já, que essa, sim, é digna de Kazan e a melhor de todo o filme). Isto tem naturalmente a ver com as circunstâncias que deram origem a **Man on a Tightrope**, e aquelas em que foi filmado.

Em Hollywood Kazan era visto por uns como a "ovelha negra", o "bufo", e por outros ainda com desconfiança, apesar de toda a "boa vontade" demonstrada com a prestação voluntária de declarações à HCUA e a publicação na "Variety" duma longa lista de nomes. Na sua autobiografia, Kazan conta a génese deste filme que lhe foi proposto por Zanuck depois dos polémicos acontecimentos. O produtor disse a Kazan que muita gente não acreditava da sinceridade do seu depoimento, e iria continuar a ser atacado a não ser... "A não ser o quê?" perguntou Kazan. Foi então que Zanuck lhe sugeriu fazer um filme. **Man on a Tightrope**, sobre um circo que se escapa da Checoslováquia comunista para a Áustria livre. O argumento era de Robert Sherwood, agora também do lado oposto ao que frequentara durante o *new deal*, e que fora o autor do argumento de **The Best Years of Our Lives**.

Kazan não gostou do argumento e disse claramente o porquê. Para além da frágil história romântica, o resto era de um maniqueísmo exacerbado. Kazan referiu-se-lhe como pura e simples "propaganda". Zanuck lembrou-lhe a sua situação delicada, olhado com suspeição de um lado e de outro. Um trabalho como este poderia fazê-lo recuperar a confiança dos estúdios de Hollywood. Mestre na insinuação, Zanuck afirmou então, num tom onde se podia adivinhar a chantagem que *"a lot of other people still have questions about where you stand"*. E acrescentou: *"including me"*. A mensagem não podia ser mais clara. E tornou a ser ainda mais no final das filmagens, quando regressou da Áustria após cinco meses e deixou o filme por montar, mas com indicações para o trabalho, tirando um tempo de férias com a família. Quando regressou a Hollywood verificou que o filme tal como fora concebido tinha sido cortado em 20 minutos. Zanuck impôs a sua vontade e como o contrato não lhe dava qualquer direito de montagem final, Kazan nada pôde fazer. Serviu-lhe definitivamente de lição, como declarou a Ciment. Mesmo que nunca mais fizesse filmes iria exigir sempre, no futuro, o direito de montagem.

Man on a Tightrope é, pois, o filme que marca o fim de uma fase da carreira de Kazan. O fim dos compromissos, de um estilo mais ou menos "realista", de actores impostos pelos produtores, etc. O filme seguinte, **On the Waterfront**, corresponde, de certo modo, à transformação. É curioso que **Man on a Tightrope**, que se encontra na encruzilhada, seja o menos interessante dos trabalhos de Kazan. Este é um filme cuja análise passa quase exclusivamente pelo seu "tempo", pelos compromissos e pelo desejo de fugir do pesadelo a qualquer custo e preço. Será coincidência (mais outra?) que se trate do filme de uma "fuga"? Mesmo considerando que se trata de um argumento a que é estranho, será difícil ver na personagem de Karel Cernik (Fredric March) um *alter ego* de Kazan? E na companhia de circo o próprio mundo do cinema? Se quisermos ver o filme deste prisma poderá entender-se melhor a atitude de Kazan perante os cortes de Zanuck. No fim de contas a "fuga" que "obviamente" é de um circo de um país da "cortina de ferro", pode muito bem ser vista também como tentativa de "fuga" de um outro grupo (o cinema) do pesadelo do "macCarthismo". Poderá ser forçar um pouco a nota, mas a afirmação parece-me tão válida como a contrária, e procurar dizer o contrário daquilo a que se é forçado não é fenómeno raro. Quando muito há um grau de dificuldade superior na decifração da chave, porque há também um risco maior. Mas a tentação do abismo (neste caso por parte de Kazan) é um factor a ter em conta (e frequentemente esquecido) nestas situações. O certo, no que se refere a **Man on a Tightrope**, é que o filme pode ter mais de uma leitura. Aquilo que nos é mostrado é demasiado "evidente" para ser aceite tal como aparece. Cernik, como Kazan, vê-se perante uma situação em que é forçado a "dissimular". Por um lado a entrar no jogo do poder, para alcançar a fronteira, mostrando-se fraco e conciliador, provocando o desprezo da segunda mulher, fazendo concessões e sofrendo humilhações; por outro a conduzir uma luta subterrânea, que leva o grupo para a zona onde poderão alcançar a liberdade. Na fuga ele será um dos poucos a perder a vida. O que prejudica o filme é que o tratamento é suficientemente ambíguo (e aqui Kazan tem razão ao queixar-se do argumento de Sherwood). Tivesse o realizador controlado todo o trabalho e aquilo que marca (e incomoda em) **On the Waterfront** teria surgido já neste filme. Não foi esse o caso, pelo que de **Man on a Tightrope** fica, principalmente, a pasmosa sequência que referi ao começo: aquela em que Gloria Grahame beija a mão de Fredric March que acabara de a esbofetear, culminando a cena no grande plano de Gloria com um olhar marcado pela lascívia, onde ocorre a sensualidade de **A Streetcar Named Desire** ou **Baby Doll**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico